

O INFERNO DE GABRIEL

SYLVAIN REYNARD



ARQUEIRO

O que os leitores fora do Brasil estão falando sobre o livro:

“Este livro é inteligente, lindamente escrito, e muito emocional.”

“Não tenho muita experiência como leitora de romances picantes, mas li *Cinquenta tons de cinza* depois que uma amiga recomendou. Amei os três livros, e desde então tenho caçado outro livro que produza o mesmo efeito em mim. E FINALMENTE encontrei! Tentei vários outros nesse estilo, e nada foi realmente o que eu esperava... até agora. Este livro é inteligente, bem-escrito, e eu não conseguia largar. Se você gosta de uma leitura rápida e superficial, esse livro não é para você. Mas se o que você quer é uma história de amor romântica, erótica e quente, essa história vale o investimento.”

“Como tantos outros leitores, eu estava procurando alguma coisa para entreter a mente depois da trilogia *Cinquenta tons de cinza*. Demorei alguns minutos para engrenar nesse livro, mas depois que isso aconteceu, não consegui parar de ler.”

“Pensei que essa seria mais uma série de romances superficiais com muita tensão sexual e intimidade de almas... felizmente eu estava errada. Esse livro é uma jornada densa e quase espiritual.”

“Li todos os livros das séries *Crepúsculo*, *Cinquenta tons* e *Toda sua*, e esse livro é, de longe, meu favorito.”

“Depois de ler *Cinquenta tons de cinza* eu precisava de um novo vício! Esse livro resolveu meu problema. Fui fisgada instantaneamente... esse livro foi intenso para mim.”

“*O inferno de Gabriel* é uma obra-prima para leitores que buscam uma experiência de romance total. Eu o achei estimulante intelectualmente, me deu assunto em que pensar.”

“Isso é exatamente o que eu procurava depois de *Cinquenta tons*, e eu NÃO me desapontei!! Na verdade, amei *O inferno de Gabriel* e o Professor.”

O que os leitores no Brasil já falam sobre o livro:

“Dizer que achei lindo e que adorei não seria suficiente para expressar o meu sentimento quanto a esse livro. Entrou para a minha lista de preferidos, com certeza. Não só pelo romance, mas pela riqueza de conteúdo e pelo aprendizado cultural que ele me proporcionou.”

“*O inferno de Gabriel* é um universo de emoções e experimentações. Um livro maravilhoso. Li e amei! É realmente uma história maravilhosa! Mal posso esperar para ler a continuação.”

“Não tenho palavras que façam justiça a esse livro. Realmente fiquei apaixonada.”

“Estava navegando pela Amazon.com quando deparei com esse livro. O título já me chamou a atenção. Daí olhei a capa – maravilhosa!!! – e fui ler o resumo. Pronto! Já estava fisgada... E posso dizer sem medo: RECOMENDADÍSSIMO!!!!!”

O julgamento de Gabriel, a sequência de *O inferno de Gabriel*, será lançado em julho no Brasil.

Está previsto um terceiro volume ainda sem título e capa confirmados.

In memoriam Maiae.

Resurgam.



Dante e Virgilio cruzando o rio Estige.

Gravura de Gustave Doré, 1870

PRÓLOGO

Florença, 1283

O poeta estava à beira da ponte, observando a jovem se aproximar. O mundo quase parou de girar enquanto ele admirava seus olhos grandes e escuros e a elegância de seus cachos castanhos.

A princípio, não a reconheceu. Sua beleza era de tirar o fôlego. Seus movimentos, graciosos e confiantes. Porém havia algo em seu rosto e em suas formas que lhe lembrou a jovem pela qual se apaixonara tempos atrás. Cada um deles havia seguido seu caminho, mas o poeta sempre lamentaria a perda de seu anjo, de sua musa, de sua amada Beatriz. Sem ela, sua vida era solitária e insignificante.

Agora, lá estava a sua bem-aventurança.

Quando ela se aproximou com suas acompanhantes, ele inclinou a cabeça e o corpo, numa saudação cavalheiresca. Não tinha esperanças de que sua presença fosse notada. Ela era perfeita e intocável, um anjo de olhos castanhos e vestes brancas resplandcentes, ao passo que ele era um velho miserável e cansado do mundo.

Ela já havia quase passado quando os olhos baixos dele notaram uma das sandálias dela hesitar bem à sua frente. Seu coração batia furiosamente no peito enquanto ele aguardava, sem conseguir respirar. Uma voz suave e gentil invadiu suas lembranças quando ela lhe dirigiu a palavra com ternura. Os olhos espantados do poeta se ergueram em direção aos dela. Durante anos ansiara por aquele instante, até sonhara com ele, mas nunca tinha imaginado que fosse encontrá-la de forma tão casual. E jamais ousara ter esperança de ser cumprimentado com tanta doçura.

Desprevenido, murmurou seus galanteios e se permitiu um sorriso – que lhe foi devolvido de forma dez vezes mais intensa por sua musa. O poeta sentiu o coração inflar à medida que seu amor por ela se multiplicava e queimava em seu peito como um inferno.

Infelizmente, a conversa entre eles foi breve demais e ela logo disse que precisava partir. O poeta fez uma mesura quando ela o deixou e então se empertigou para observar sua silhueta se afastar. A alegria de tê-la reencontrado foi mitigada por uma tristeza crescente ao se perguntar se algum dia voltaria a vê-la...

CAPÍTULO UM

A voz do professor Gabriel Emerson ecoou pela sala de aula até a atraente jovem de olhos castanhos sentada no fundo, imersa em seus pensamentos, de cabeça baixa, escrevendo furiosamente num caderno:

– Srta. Mitchell?

Dez pares de olhos se viraram para seu rosto pálido, de cílios longos, e para seus dedos brancos que seguravam a caneta com força. Em seguida, os mesmos dez pares de olhos voltaram ao professor, totalmente imóvel e de cara feia. Sua severidade contrastava com a simetria de seus traços, com os olhos grandes e expressivos e os lábios grossos. Ele tinha uma beleza rústica, mas, naquele momento, amargamente séria, o que comprometia o efeito agradável de sua aparência.

A jovem ouviu alguém pigarrear discretamente à sua esquerda. Olhou, surpresa, para o homem de ombros largos sentado ao seu lado. Ele sorriu e lançou um olhar para o professor na frente da sala.

Ela acompanhou seu olhar lentamente, deparando com um par de olhos azuis penetrantes e zangados. Engoliu em seco.

– Estou esperando que responda à minha pergunta, Srta. Mitchell. *Se estiver disposta a se juntar a nós.* – Sua voz era glacial, como os olhos.

Os demais alunos da pós-graduação se remexeram em suas cadeiras e trocaram olhares furtivos. Suas expressões diziam: *Que bicho mordeu o professor hoje?* Mas eles ficaram calados. (Todos sabem que alunos da pós detestam confrontar os professores por qualquer assunto que seja, quanto mais por grosserias.)

A jovem abriu a boca por um instante, mas tornou a fechá-la, fitando aqueles olhos azuis que a encaravam sem piscar, seus próprios olhos arregalados como os de um coelho assustado.

– Inglês é sua língua materna? – zombou ele.

Uma mulher de cabelos muito pretos sentada à direita do professor tentou abafar uma risada, transformando-a numa tosse nada convincente. Todos os olhos recaíram de novo sobre a coelhinha assustada. Sua pele adquiriu um tom vermelho vivo e ela abaixou a cabeça, finalmente escapando do olhar do professor.

– Já que a Srta. Mitchell parece estar concentrada em uma aula paralela numa língua estrangeira, alguém poderia fazer a gentileza de responder à minha pergunta?

A beldade à sua direita parecia ansiosa para fazer isso. Ela se virou para encará-lo e, radiante, respondeu à pergunta nos mínimos detalhes, exibindo-se ao gesticular enquanto citava Dante no original em italiano. Quando terminou, lançou um sorriso ácido para o fundo da sala. Depois ergueu os olhos para o professor e suspirou. Só faltou se jogar no chão e roçar nas pernas do professor para mostrar que ela seria seu bichinho de estimação para sempre. (Não que ele fosse gostar disso.)

O professor franziu a testa de modo quase imperceptível, para ninguém em especial, e se virou para escrever no quadro. A coelhinha assustada pestanejou para conter as lágrimas e voltou a escrever. Graças a Deus, não chorou.

Poucos minutos depois, enquanto o professor continuava sua lenga-lenga sobre o conflito entre os guelfos e os gibelinos, um pedaço de papel dobrado surgiu em cima do dicionário de italiano da coelhinha assustada. A princípio, ela não notou, mas o homem bonito ao seu lado pigarreou baixinho, chamando novamente sua atenção. Ele abriu um sorriso mais largo, quase impaciente, e baixou os olhos para o papel.

Ela o viu e piscou. Observando com cautela as costas do professor, que circulava diversas palavras em italiano, levou o papel até o colo, onde o desdobrou discretamente.

Emerson é um babaca.

Ninguém teria notado, porque o homem ao seu lado era o único que estava olhando para ela. Mas, assim que leu essas palavras, o rosto dela corou de uma maneira diferente, duas nuvens cor-de-rosa surgindo na curva de suas faces, e ela sorriu. Não o suficiente para mostrar os dentes nem covinhas ou uma ou outra marca de expressão, mas ainda assim um sorriso.

Ela ergueu os olhos grandes para encará-lo, tímida. Um sorriso rasgado e simpático se espalhou pelo rosto dele.

– O que há de tão engraçado, Srta. Mitchell?

Seus olhos castanhos se dilataram de pavor. O sorriso de seu novo amigo desapareceu rapidamente ao se virar para encarar o professor.

Ela já sabia que seria melhor não olhar para aqueles olhos azuis e frios. Em vez disso, baixou a cabeça, mordeu o lábio inferior e começou a arrastá-lo de um lado para o outro.

– A culpa é minha, professor. Apenas perguntei em que página estávamos – intercedeu o homem simpático em favor dela.

– Essa não é uma pergunta apropriada para um doutorando, Paul. Mas, se quer saber, acabamos de começar o primeiro canto. Creio que consiga encontrá-lo sem a ajuda da Srta. Mitchell. Ah, e... Srta. Mitchell?

O rabo de cavalo da coelhinha assustada tremeu de forma quase imperceptível quando ela levantou a cabeça.

– Vá até a minha sala depois da aula.

CAPÍTULO DOIS

No fim da aula, Julia Mitchell enfiou rapidamente o pedaço de papel dobrado no dicionário de italiano, na página do verbete *asino*.

– Desculpe pelo que aconteceu. Eu sou Paul Norris.

O homem simpático estendeu a mão grande por sobre a mesa. Julia a apertou de leve e ele ficou admirado ao ver como a mão dela era pequena em comparação à sua. Se fechasse a mão, poderia machucá-la.

– Olá, Paul, eu sou Julia. Julia Mitchell.

– Prazer, Julia. Lamento que *o professor* tenha sido tão idiota. Não sei o que deu nele. – Paul chamou Emerson pelo título com uma dose considerável de sarcasmo.

Ela ficou um pouco vermelha e virou o rosto para seus livros.

– Você é nova aqui? – insistiu ele, entortando um pouco a cabeça como se tentasse capturar o olhar dela.

– Acabei de chegar. Da Universidade de Saint Joseph.

Paul assentiu como se isso significasse alguma coisa para ele.

– Veio fazer mestrado?

– Vim. – Ela gesticulou para a frente da sala de aula agora vazia. – Pode não parecer, mas pretendo me especializar em Dante.

Paul assobiou.

– Então está aqui por causa de Emerson?

Ela assentiu e ele percebeu que as veias no pescoço de Julia começaram a pulsar, à medida que seu coração acelerava. Como não conseguiu encontrar explicação para essa reação, resolveu ignorá-la. Mas se lembraria dela mais tarde.

– Não é nada fácil trabalhar com Emerson, por isso ele não tem muitos orientandos. Só eu e Christa Peterson, que você já deve ter conhecido.

– Christa? – Ela o encarou com uma expressão intrigada.

– A garota lá da frente. É a outra doutoranda dele, mas seu objetivo é ser a futura Sra. Emerson. Ela acabou de entrar para o curso e já começou a fazer biscoitos para o professor, aparecer na sala dele e mandar torpedos. É inacreditável.

Julia tornou a assentir, mas não disse nada.

– Christa parece desconhecer as regras rigorosas da Universidade de Toronto que proíbem o relacionamento entre professores e alunos.

Paul revirou os olhos e foi recompensado com um sorriso muito bonito. Pensou que precisava fazer Julia Mitchell sorrir com mais frequência. Mas, por enquanto, isso teria que ser adiado.

– É melhor você ir. Ele queria falar com você depois da aula. Está esperando.

Julia jogou suas coisas às pressas na mochila L. L. Bean surrada que usava desde os tempos de caloura na faculdade.

– Hum... não sei onde fica a sala dele.

– Vire a esquerda ao sair daqui, depois dobre à esquerda outra vez. A sala dele fica no final do corredor. Boa sorte. Se não nos encontrarmos antes, nos vemos na próxima aula.

Ela sorriu, agradecida, e saiu da sala.

Assim que dobrou à esquerda pela segunda vez, viu que a porta da sala do professor estava entreaberta. Ficou ali parada, nervosa, pensando se deveria bater primeiro ou enfiar a cabeça pela fresta. Após alguns instantes de indecisão, decidiu bater. Ela endireitou os ombros, respirou fundo, prendeu o ar e estendeu a mão. Foi então que o ouviu.

– Desculpe se não liguei de volta. Eu estava em aula! – disparou uma voz irritada, já bastante familiar. Houve um breve silêncio antes que ele prosseguisse: – Porque é a primeira aula do ano, seu imbecil, e porque, da última vez em que nos falamos, ela me disse que estava bem!

Julia recuou na mesma hora. Parecia que ele estava ao telefone, gritando com alguém. Não queria que Emerson gritasse com ela, então decidiu fugir e enfrentar as consequências mais tarde. Mas então o professor deu um soluço de cortar o coração. E disso ela não pôde fugir.

– É claro que eu queria estar aí! Eu a amava. É claro que queria estar aí. – Um segundo soluço soou detrás da porta. – Não sei a que horas vou chegar. Diga que estou indo. Vou direto para o aeroporto e pegarei o primeiro avião, mas não sei que tipo de voo eu vou conseguir tão em cima da hora. – Ele fez uma pausa. – Eu sei. Diga a eles que sinto muito. Muito mesmo... – A voz dele foi sumindo até se tornar um choro suave e trêmulo, e Julia o escutou pôr o telefone no gancho.

Sem pensar no que fazia, ela espiou com cuidado pela fresta da porta.

O homem de trinta e poucos anos estava chorando, com a cabeça apoiada em suas mãos de dedos longos, os cotovelos em cima da mesa. Ela ficou observando seus ombros largos se sacudirem. Ouvia a angústia e a tristeza brotarem de seu peito. E sentiu pena.

Queria ir até ele, oferecer consolo, abraçá-lo, acariciar seus cabelos e lhe dizer que sentia muito. Imaginou por alguns instantes como seria limpar as lágrimas daqueles olhos expressivos, cor de safira, e vê-los olhar para ela com carinho. Imaginou-se beijando o rosto dele, bem de leve, só para deixar clara sua compaixão.

Mas vê-lo chorar como se seu coração estivesse partido a petrificou por um momento e ela não fez nada disso. Quando finalmente se deu conta de onde estava, apressou-se a desaparecer de volta atrás da porta, pegou às cegas um pedaço de papel de dentro da mochila e escreveu:

Sinto muito.

Julia Mitchell

Então, sem saber bem o que fazer, fechou silenciosamente a porta da sala, prendendo o bilhete contra o batente.



A timidez de Julia não era sua principal característica. Sua melhor qualidade, aquela que a definia, era sua compaixão – que não havia sido herdada de seus pais. O pai era um homem decente, mas severo e inflexível. A mãe, que já tinha morrido, não havia sido compassiva em nenhum sentido, nem mesmo com sua única filha.

Tom Mitchell era um homem de poucas palavras, mas bem conhecido e querido por quase todos. Era zelador na Universidade de Susquehanna e chefe dos bombeiros do distrito de Selinsgrove, na Pensilvânia. A brigada de incêndio era toda composta por voluntários, então ele e os demais bombeiros estavam sempre de sobreaviso. Ele cumpria seu dever com orgulho e dedicação, o que significava que quase nunca parava em casa, mesmo quando não estava atendendo a alguma emergência. Na noite da primeira aula de Julia na pós-graduação, ele telefonou para a filha do posto de bombeiros, feliz por ela finalmente ter decidido atender o celular.

– Como estão as coisas por aí, Jules? – Sua voz não denotava nenhuma emoção, mas ainda assim era reconfortante e a aqueceu como um cobertor.

Julia suspirou.

– Tudo bem. O primeiro dia foi... interessante, mas legal.

– Os canadenses estão tratando você direito?

– Ah, sim. São todos muito simpáticos. – *O problema são os americanos. Quer dizer, um americano.*

Tom pigarreou e Julia prendeu a respiração. Ela sabia, por anos de experiência, que o pai estava prestes a lhe dizer algo sério. Perguntou-se o que seria.

– Querida, Grace Clark faleceu hoje.

Julia se empertigou na cama de solteiro, o olhar perdido.

– Ouviu o que eu disse?

– Ouvi, sim.

– O câncer voltou. Eles acharam que ela estava curada. Mas a doença voltou e, quando descobriram, já estava nos ossos e no fígado. Richard e os filhos estão muito abalados.

Julia mordeu o lábio e conteve um soluço.

– Eu sabia que seria duro para você. Sei que considerava Grace uma segunda mãe, e era muito amiga da Rachel na escola. Tem falado com ela?

– Hum, não. Não tenho. Por que ela não me contou?

– Não sei bem quando descobriram que Grace estava doente de novo. Passei na casa deles hoje mais cedo e Gabriel nem estava lá. Isso criou um problemão. Não sei o que ele vai ter que enfrentar quando chegar. Existe muito rancor naquela família. – Tom praguejou em voz baixa.

– Você vai enviar flores?

– Acho que sim. Não sou muito bom com essas coisas, mas posso pedir ajuda a Deb.

Deb Lundy era a namorada de Tom. Julia revirou os olhos ao ouvir seu nome, mas guardou a reação negativa para si.

– Por favor, veja se ela pode mandar algo em meu nome. Grace adorava gardêneas. Deb também pode assinar o cartão por mim.

– Deixe comigo. Precisa de alguma coisa?

– Não, estou bem.

– Precisa de dinheiro?

– Não, pai. A bolsa é suficiente para eu me manter se controlar os gastos.

Tom fez uma pausa e, antes mesmo que ele voltasse a abrir a boca, Julia já sabia o que o pai iria dizer.

– Sinto muito por Harvard. Quem sabe no ano que vem?

Julia endireitou os ombros e forçou um sorriso, por mais que seu pai não pudesse vê-lo.

– Quem sabe? Depois conversamos melhor.

– Tchau, querida.

Na manhã seguinte, Julia caminhou um pouco mais devagar até a universidade, ouvindo seu iPod. Em sua cabeça, escrevia e reescrevia um e-mail de pêsames e desculpas para Rachel.

A brisa de setembro era quente em Toronto e ela gostava disso. Gostava de estar perto do lago, do clima ensolarado, da cordialidade, das ruas limpas, sem lixo. Gostava do fato de estar em Toronto e não em Selinsgrove ou na Filadélfia – de estar a centenas de quilômetros de distância *dele*. Esperava apenas que pudesse continuar assim.

Ainda estava pensando no e-mail para Rachel quando entrou na sala do Departamento de Estudos Italianos para conferir seu escaninho. Alguém cutucou seu ombro.

Ela se virou, tirando os fones de ouvido.

– Paul... oi.

Paul sorria para ela, olhando para baixo. Julia era baixinha, ainda mais quando estava de tênis, e o topo da sua cabeça mal alcançava a parte de baixo do peito dele.

O sorriso de Paul sumiu ao perguntar, com uma expressão preocupada:

– Como foi seu encontro com Emerson?

Ela mordeu o lábio, um tique nervoso do qual não conseguia se livrar, principalmente por não ter consciência dele.

– Hum... não encontrei com ele.

Ele fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás. Soltou um pequeno grunhido.

– Isso... não é nada bom.

Julia tentou explicar a situação:

– A porta da sala estava fechada. Acho que ele estava ao telefone... não sei direito. Deixei um bilhete.

Paul notou o nervosismo dela e a maneira como suas sobranceiras delicadamente arqueadas se franziram. Sentiu pena de Julia e amaldiçoou mentalmente o professor por ser tão grosso. Ela parecia se magoar com facilidade e Emerson não percebia como sua atitude afetava os alunos. Então Paul decidiu ajudá-la.

– Se ele estava ao telefone, não gostaria de ser interrompido mesmo. Vamos torcer para que tenha sido isso. Se não, eu diria que você está em maus lençóis. – Ele se empertigou, revelando toda sua altura e abrindo os braços de modo casual. – Se houver alguma consequência, me avise e verei o que posso fazer. Se ele gritar

comigo, eu aguento. Mas não quero que grite com você. – *Porque, pelo visto, você morreria de pavor, Coelhinha Assustada.*

Julia pareceu querer dizer algo, mas ficou calada. Ela abriu um leve sorriso e concordou com a cabeça, como se agradecesse. Então foi até os escaninhos e esvaziou o seu.

A maior parte das correspondências não tinha importância. Algumas notificações do departamento, incluindo o aviso de uma palestra pública a ser ministrada pelo professor Gabriel O. Emerson, intitulada “Luxúria no *Inferno* de Dante: O pecado mortal contra o ego”. Julia releu o título várias vezes antes de conseguir absorvê-lo. Mas depois começou a cantarolar suavemente para si mesma.

Estava cantarolando quando notou um segundo aviso, mencionando que a palestra do professor Emerson tinha sido cancelada e seria remarcada. Ainda cantarolava ao ver o terceiro aviso, informando que todas as aulas, compromissos e reuniões do professor Emerson estavam cancelados até segunda ordem.

Por fim, sem parar de cantarolar, enfiou a mão no fundo do escaninho e retirou um pequeno pedaço de papel. Ela o desdobrou e leu:

Sinto muito.

Julia Mitchell

Continuou cantarolando enquanto tentava entender o que significava encontrar seu próprio bilhete no escaninho um dia depois de deixá-lo preso à porta do professor Emerson. Finalmente ficou em silêncio e seu coração parou de bater quando virou o papel e leu as palavras:

Emerson é um babaca.

CAPÍTULO TRÊS

Houve uma época em que, diante de um acontecimento tão embaraçoso como esse, Julia teria caído no chão e se enroscado em posição fetal, e possivelmente ficaria assim para sempre. Mas, aos 23 anos, já era mais dura do que isso. Então, em vez de ficar parada diante dos escaninhos, refletindo sobre como sua carreira acadêmica tinha sido curta, ela fez o que tinha que fazer na universidade e voltou para casa.

Afastando da mente todo e qualquer pensamento sobre sua carreira, Julia fez quatro coisas.

Primeiro, pegou algum dinheiro da reserva de emergência convenientemente guardada num pote plástico debaixo da sua cama.

Segundo, foi até a loja de bebidas mais próxima e comprou uma garrafa bem grande de tequila bem barata.

Terceiro, voltou para casa e escreveu um longo e-mail de desculpas e pêsames para Rachel. Fez questão de se esquecer de mencionar onde estava morando e o que estava fazendo e enviou a mensagem pela sua conta do Gmail, em vez de usar o e-mail da universidade.

Quarto, foi às compras. Como não tinha dinheiro para gastar, essa atividade foi apenas uma homenagem piegas e de certa forma melancólica a Rachel e Grace, que adoravam coisas caras.

Julia já não podia ir às compras quando foi morar em Selinsgrove e conheceu Rachel no penúltimo ano do ensino médio. E agora tirava leite de pedra para viver apenas com sua bolsa de estudos, sem poder trabalhar para complementar a renda. Como americana com visto de estudante, suas possibilidades de conseguir um emprego eram muito limitadas.

Enquanto passeava lentamente pelas belas vitrines da Bloor Street, ela pensou em sua mãe de consideração e em sua velha amiga. Parou em frente à loja Prada, lembrando-se da única vez em que Rachel a levava para comprar sapatos de grife. Julia ainda tinha aqueles Prada pretos de salto agulha, guardados numa caixa no fundo do armário. Ela só os usara uma vez, na noite em que descobriu que havia sido traída, e, por mais que quisesse tê-los destruído como destruíra o vestido, não foi capaz. Tinha sido um presente de boas-vindas de Rachel, que não fazia ideia do que esperava por Julia ao voltar para casa.

Depois ficou parada pelo que pareceu uma eternidade diante da vitrine da Chanel, chorando e pensando em Grace. Em como ela sempre a recebia com um sorriso e um abraço quando Julia a visitava. Em como, quando a mãe de Julia morreu em circunstâncias trágicas, Grace lhe disse que a amava e que adoraria ser sua mãe, se ela permitisse. Em como Grace tinha sido uma mãe melhor do que Sharon, para vergonha de Sharon e constrangimento de Julia.

E, quando já havia chorado todas as suas lágrimas e as lojas começaram a fechar, voltou lentamente para o seu apartamento e começou a se torturar por ter sido uma péssima filha de consideração, uma amiga terrível e uma idiota insensível, incapaz de ao menos conferir se um papel estava em branco antes de deixar um bilhete para alguém que tinha acabado de perder a mãe.

O que devia ter passado pela cabeça dele ao encontrar aquele bilhete? Encorajada por duas ou três doses de tequila, Julia se permitiu fazer algumas perguntas simples. E o que ele deve pensar de mim agora?

Cogitou arrumar as malas e pegar um ônibus de volta para Selinsgrove, só para não ter que enfrentá-lo. Estava envergonhada por não ter percebido que era de Grace que o professor Emerson estava falando ao telefone naquele dia terrível. Mas nem imaginava que o câncer dela tinha voltado, quanto mais que ela houvesse morrido. Além do mais, Julia estava muito preocupada por ter começado com o pé esquerdo com o professor. A hostilidade dele foi chocante. Porém mais chocante ainda foi ver seu rosto aos prantos. Naquele momento, só conseguiu pensar em consolá-lo – e esse pensamento foi suficiente para distraí-la, impedindo-a de refletir sobre a causa da sua dor.

Não bastava que o coração dele tivesse acabado de ser dilacerado pela notícia da morte de Grace, sem que ele houvesse tido a oportunidade de se despedir ou dizer que a amava. Não bastava que alguém, provavelmente seu irmão Scott, o tivesse arrasado por ele não ter voltado para casa. Não, depois de ter sido devastado pela dor e chorado como um bebê, ele ainda teve a experiência encantadora de abrir a porta de sua sala para sair correndo até o aeroporto e deparar com o bilhete de pêsames dela. E com o que Paul tinha escrito no verso.

Que beleza.

Julia ficou surpresa que o professor não a tivesse expulsado do curso na mesma hora. *Talvez ele se lembre de mim.* Mais uma dose de tequila lhe permitiu ter esse último pensamento e, depois dele, mais nada, porque ela apagou no chão.



Duas semanas depois, Julia sentia-se um pouco melhor ao conferir seu escaninho na universidade. Sim, era como se ela estivesse aguardando no corredor da morte sem esperança de suspensão da pena. Mas ela não largou tudo e voltou para casa.

Era verdade que Julia corava como uma colegial e era absurdamente tímida. Mas também era teimosa. Ela era tenaz. E queria muito estudar Dante. Se isso significasse tirar da cartola um cúmplice não identificado para escapar da pena de morte, ela estava disposta a fazê-lo.

Só não tinha contado isso para Paul. Ainda.

– Julianne? Pode vir aqui um instante? – disse a Sra. Jenkins, a adorável e idosa assistente administrativa.

Obediente, Julia foi até a mesa dela.

– Você teve algum problema com o professor Emerson?

– Eu, hum... não sei.

Ela ficou vermelha e começou a morder a parte de dentro das bochechas.

– Recebi dois e-mails urgentes esta manhã me pedindo que marcasse uma reunião com você assim que ele voltasse. Os professores nunca fazem isso. Preferem marcar seus próprios compromissos. Mas, por algum motivo, ele insistiu que eu agendasse essa reunião e registrasse o encontro em sua ficha.

Julia assentiu e pegou sua agenda na mochila, esforçando-se ao máximo para não imaginar o que ele teria dito a seu respeito nos e-mails.

A Sra. Jenkins olhou para ela, esperando alguma reação.

– Amanhã está bem?

Julia ficou surpresa.

– Amanhã?

– O professor chega hoje à noite e quer encontrá-la amanhã, às quatro da tarde, na sala dele. É possível? Preciso responder ao e-mail com uma confirmação.

Julia tornou a assentir e anotou a hora da reunião em sua agenda, como se isso fosse preciso.

– Ele não falou sobre o que era, mas disse que era sério. Fico me perguntando o que isso quer dizer... – falou a Sra. Jenkins, distraída.

Julia acabou de resolver seus assuntos na universidade e voltou para casa, a fim de fazer as malas com a ajuda da Señorita Tequila.



Na manhã seguinte, a maioria das roupas de Julia estava dentro de duas malas grandes. Sem querer admitir a derrota para si mesma (ou para a tequila), decidiu não pôr tudo nas malas. Assim, se viu à toa, ansiosa e precisando se distrair. Então fez a única coisa que qualquer estudante faria numa situação dessas, além de beber e cair na farra com outros estudantes: uma faxina no apartamento.

Não demorou muito. Mas, quando terminou, tudo estava na mais perfeita ordem, com um ligeiro perfume de limão e meticulosamente limpo. Julia se orgulhou bastante de seu feito e arrumou a mochila de cabeça erguida.

Enquanto isso, o professor Emerson atravessava a passos firmes os corredores do Departamento de Estudos Italianos, sem dar a menor atenção a qualquer aluno ou colega que cruzasse seu caminho. Estava com um mau humor terrível, e ninguém teve coragem de se meter com ele.

Seu gênio já andava péssimo nos últimos tempos, mas sua rabugice tinha sido

exacerbada pelo estresse e pela noite em claro. Fora amaldiçoado pelos deuses da Air Canada, acomodado ao lado de um pai com uma criança de 2 anos no voo de volta da Filadélfia. O bebê berrava e fez xixi na calça (e no professor Emerson), enquanto o pai dormia a sono solto. Ao tentar limpar sua calça Armani na penumbra do avião, Emerson havia refletido sobre a justiça da esterilização compulsória de pais negligentes.

Julia chegou para a reunião às quatro em ponto. Ficou satisfeita ao encontrar a porta de Emerson fechada. Porém sua satisfação logo passou quando ela percebeu que o professor estava lá dentro, rosnando para Paul.

Quando Paul saiu, dez minutos depois, visivelmente abalado, mas com a cabeça erguida no alto dos seus 1,90m, Julia olhou de relance para a saída de emergência. Cinco passos e ela estaria do outro lado da porta, livre, correndo para escapar da polícia por ter acionado desnecessariamente o alarme de incêndio. Parecia uma hipótese tentadora.

Paul olhou para ela e balançou a cabeça, balbuciando alguns xingamentos contra o professor antes de sorrir e dizer:

– Quer tomar um café comigo um dia desses?

Julia o encarou, surpresa. Estava um pouco desorientada por causa da reunião, então, sem refletir muito, concordou.

Ele sorriu e se inclinou na direção dela.

– Seria mais fácil se você me desse seu telefone.

Ela ficou vermelha e pegou rapidamente um pedaço de papel. Depois de conferir se não havia nada escrito nele, rabiscou o número do seu celular.

Paul apanhou o papel, olhou para ele e afagou o braço de Julia.

– Acabe com ele, Coelhinha.

Julia não teve tempo de perguntar por que ele achava que seu apelido fosse ou devesse ser Coelhinha, pois uma voz atraente, porém irascível, a chamou:

– *Agora*, Srta. Mitchell.

Ela se encaminhou para a sala e parou, hesitante, junto à porta.

O professor Emerson parecia cansado. Estava com olheiras acentuadas e muito pálido, o que de certa forma fazia com que parecesse mais magro. Enquanto analisava um documento, passou a língua devagar pelo lábio inferior.

Julia ficou hipnotizada, observando sua boca sensual. Alguns instantes depois, com grande esforço, se concentrou nos olhos cor de safira do professor, parcialmente escondidos por óculos Prada de armação preta. Nunca o tinha visto de óculos; talvez ele só os usasse quando a vista estava cansada. A armação escura contrastava com o castanho de seus cabelos e o azul de seus olhos, tornando-se

a coisa mais chamativa em seu rosto. Na mesma hora ela percebeu que não só nunca tinha visto um professor tão atraente como jamais encontrara um que se preocupasse tanto com a própria aparência. Ele poderia estrelar uma campanha publicitária da Prada, coisa que nenhum outro professor jamais havia feito.

(Como se sabe, professores universitários não costumam ser admirados por seu tino para moda.)

Julia o conhecia bem o suficiente para saber que ele era volúvel. Também o conhecia bem o suficiente para saber que era, pelo menos nos últimos tempos, um defensor das boas maneiras e do decoro. Provavelmente poderia se sentar em uma de suas confortáveis poltronas de couro sem ser convidada, ainda mais se Gabriel se lembrasse dela. Mas, por causa do tom de voz dele, ficou de pé.

– Por favor, sente-se, Srta. Mitchell. – Sua voz era fria e dura, e ele apontou não para as poltronas, mas para uma cadeira de metal de aparência desconfortável.

Julia suspirou e andou até a cadeira dura que ficava bem em frente a uma das gigantescas estantes embutidas. Preferiria que ele a tivesse convidado a sentar em qualquer outro lugar, mas achou melhor não discutir.

– Traga a cadeira para a frente da minha mesa. Não vou ficar torcendo o pescoço para falar com você.

Nervosa, ela se levantou e obedeceu, largando a mochila no chão. Encolheu-se e ficou vermelha dos pés à cabeça quando vários objetos rolaram para fora da mochila, incluindo um absorvente interno que foi parar embaixo da mesa do professor Emerson, a poucos centímetros de sua maleta de couro.

Talvez ele só veja depois que eu tiver ido embora.

Envergonhada, Julia se agachou para guardar o restante das coisas. Ao terminar, a alça da velha mochila arrebentou e tudo que estava dentro caiu no chão com um estrondo. Papéis, canetas, seu iPod, o celular e uma maçã verde se espalharam pelo belo tapete persa do professor, e ela se ajoelhou às pressas.

Ó deuses dos pós-graduandos e eternos estabados, me matem agora. Por favor.

– Você é comediante, Srta. Mitchell?

Diante do sarcasmo do professor, Julia retesou a coluna e ergueu o olhar para seu rosto. O que viu quase a levou às lágrimas.

Como alguém com um nome angelical podia ser tão cruel? Como uma voz tão melodiosa poderia ser tão dura? Ela ficou alguns instantes perdida nas profundezas frias de seus olhos, lembrando com saudade a época em que eles a haviam fitado com ternura. Mas, em vez de ceder ao desespero, respirou fundo e decidiu que era melhor se acostumar com o jeito dele agora, por maior e mais dolorosa que fosse a decepção.

Ela balançou a cabeça em silêncio e voltou a guardar suas coisas na mochila arrebitada.

– Quando faço uma pergunta, espero receber uma resposta. Você já deveria ter aprendido essa lição. – Ele a analisou por um instante, então olhou de volta para o documento em suas mãos. – Talvez não seja tão inteligente assim.

– O que disse, Dr. Emerson?

A própria Julia ficou surpresa com o tom de sua voz: suave, porém firme. Não sabia de onde tinha vindo aquela coragem, mas, por via das dúvidas, agradeceu mentalmente aos deuses dos pós-graduandos por terem vindo em seu auxílio.

– É *professor* Emerson – corrigiu ele. – Doutores você encontra em qualquer lugar. Até quiropráticos e podólogos se chamam de “doutores”.

Devidamente subjugada, Julia tentou fechar o zíper da mochila arrebitada. Infelizmente, o zíper havia emperrado. Ela prendeu a respiração enquanto o puxava, tentando ressuscitá-lo e xingando mentalmente.

– Quer parar de mexer nesse farrapo ridículo que chama de mochila e sentar na cadeira como um ser humano?

Julia pôde ver que ele já estava mais do que furioso, então largou seu farrapo ridículo no chão e se sentou em silêncio na cadeira desconfortável. Cruzou as mãos, com o único intuito de evitar retorcê-las, e esperou.

– Você deve mesmo se achar uma comediante. Tenho certeza de que achou *isto* aqui engraçado – disse ele, atirando um pedaço de papel que caiu no chão, a poucos centímetros do tênis de Julia.

Abaixando-se para pegá-lo, ela viu que era uma fotocópia do terrível bilhete que havia deixado para ele no dia da morte de Grace.

– Posso explicar. Foi um engano. Eu não escrevi as duas...

– Não estou interessado em suas desculpas! Pedi que viesse à minha sala e você não veio.

– Mas o senhor estava ao telefone. A porta estava fechada e...

– A porta não estava fechada! – Ele jogou em sua direção algo que parecia um cartão de visita. – Imagino que eu também deveria achar isso engraçado.

Julia apanhou o objeto lançado e arquejou de espanto. Era um pequeno cartão de condolências, do tipo que costuma ser enviado com flores:

Sinto muito pela sua perda.

Meus pésames.

Com amor,

Julia Mitchell

Ela o encarou e viu que o professor estava praticamente cuspidando de raiva. Julia piscou várias vezes, tentando encontrar as palavras para se explicar.

- Não é o que o senhor está pensando. Eu queria dizer que sentia muito e...
- Já não tinha dito isso no primeiro bilhete?
- Mas este deveria ser para a sua família, que...
- Deixe minha família fora disso!

Ele girou o corpo para o outro lado, fechou os olhos, tirou os óculos e esfregou o rosto com as duas mãos.

Julia havia sido transferida do reino da surpresa para o da estupefação. *Ninguém tinha explicado a ele.* Gabriel compreendera errado o seu cartão e ninguém havia desfeito o mal-entendido. Com um embrulho no estômago, ficou pensando no que aquilo tudo significava.

Inconsciente das reflexões dela, o professor pareceu fazer um esforço hercúleo para se acalmar. Fechou o arquivo e o largou com desdém em cima da mesa. Então fuzilou Julia com o olhar.

- Vejo que você veio para cá com uma bolsa para estudar Dante. Neste momento, sou o único professor que orienta trabalhos nessa área. Já que isto aqui não vai funcionar – disse ele, gesticulando entre os dois –, você vai ter que mudar o tema da sua dissertação e encontrar outro orientador. Também pode pedir transferência para outro departamento, ou, melhor ainda, para outra universidade. Informarei minha decisão ao diretor do programa. E ela já está valendo a partir deste momento. Agora, se me dá licença...

Ele girou a cadeira na direção do laptop e começou a digitar furiosamente.

Julia estava pasma. Enquanto continuava sentada ali, absorvendo silenciosamente não só seu sermão, mas também seu veredito, o professor falou, sem se dar o trabalho de erguer os olhos para ela:

- É só isso, Srta. Mitchell.

Julia não discutiu com ele, porque, na verdade, não adiantaria. Em vez disso, levantou-se da cadeira, ainda atordoada, e pegou sua mochila ofensiva. Abraçou-a contra o peito e saiu lentamente da sala, um tanto hesitante, parecendo um zumbi.

Ao sair do prédio e atravessar a Bloor Street, Julia percebeu que tinha escolhido o dia errado para sair de casa sem casaco. A temperatura havia diminuído e começara a chover. Sua blusa de manga fina ficou encharcada cinco passos depois de sair da universidade. Tinha se esquecido de levar um guarda-chuva, então teria que caminhar por três longos quarteirões até seu apartamento, debaixo de vento, frio e chuva.

Ó deuses do carma ruim e das tempestades, tenham piedade de mim.

Enquanto andava, refletiu sobre o que havia acontecido na sala do professor Emerson. Tinha feito duas malas na noite anterior, só para garantir, então de certa forma estava preparada para aquilo. Mas também havia nutrido uma esperança sincera de que ele fosse se lembrar. Tinha se permitido acreditar que ele seria gentil com ela. Mas não foi assim.

Ele não lhe permitira explicar a confusão envolvendo o bilhete. Entendera errado as flores e o cartão. E a expulsara do curso. Era o fim. Agora ela teria que voltar humilhada para a casa de Tom, em Selinsgrove... e *ele* ficaria sabendo de seu retorno e riria dela. Os *dois* ririam juntos dela. Julia, sua idiota. Achou que poderia deixar Selinsgrove para trás e ser alguém na vida. Achou que poderia fazer um mestrado e se tornar professora universitária... A quem ela estava enganando? Estava tudo acabado, pelo menos por aquele ano letivo.

Olhou para a mochila destruída e agora encharcada como se ela fosse um bebê e a apertou com força contra o peito. Depois da sua terrível demonstração de idiotice e falta de tato, nem mesmo sua dignidade lhe restava. E perdê-la na frente dele, depois de todos aqueles anos, era realmente insuportável.

Ela pensou no absorvente interno debaixo da mesa dele e soube que, quando ele se abaixasse para pegar a maleta às cinco da tarde, sua humilhação estaria completa. Pelo menos não estaria lá para testemunhar a reação de surpresa e repulsa do professor. Julia podia imaginar o ataque que ele daria.

A cerca de dois quarteirões de seu apartamento, o cabelo longo e castanho de Julia estava encharcado, as mechas pegajosas grudadas em sua cabeça. Seus tênis faziam barulho a cada passo. A água da chuva escorria pelo seu corpo como se ela estivesse debaixo de uma cachoeira. Carros e ônibus passavam a toda a velocidade e ela nem se dava o trabalho de desviar das ondas de água suja que a atingiam. Como as decepções da vida, ela simplesmente as aceitava.

Então outro carro se aproximou, dessa vez desacelerando para não molhar Julia ao passar. Era um Jaguar preto, que parecia novo.

O carro foi diminuindo a velocidade até parar. Quando Julia passou por ele, a porta do carona se abriu e uma voz masculina disse:

– Entre.

Ela hesitou; não era possível que o motorista estivesse falando com ela. Olhou em volta, mas era a única pessoa idiota o bastante para andar debaixo daquela chuva torrencial. Curiosa, ela se aproximou um passo.

Sabia muito bem que não deveria entrar no carro de um estranho, nem mesmo numa cidade canadense. Mas, quando olhou para o banco do motorista e viu dois olhos azuis penetrantes a encarando, andou lentamente em sua direção.

– Você vai pegar uma pneumonia e morrer. Entre. Vou levá-la em casa. – Sua voz estava mais suave, sem sinal de irritação. Era quase a voz de que ela se lembrava.

Então, só por causa dessa recordação, ela se sentou no banco do carona e fechou a porta, mentalmente pedindo desculpas aos deuses dos Jaguares por molhar o revestimento de couro preto impecável e os tapetes imaculados.

Ela se deteve ao ouvir as notas do *Noturno Op. 9, nº 2* de Chopin e sorriu para si mesma. Adorava aquela peça.

Então se virou para o motorista.

– Muito obrigada, professor Emerson.

CAPÍTULO QUATRO

O professor Emerson tinha feito uma curva errada. Talvez sua vida pudesse ser descrita como uma série de curvas erradas, mas essa tinha sido totalmente por acaso. Ele estava lendo um e-mail furioso do irmão em seu iPhone enquanto dirigia o Jaguar sob uma tempestade bem na hora do rush no centro de Toronto. Consequentemente, dobrou à esquerda em vez de à direita na altura do Queens's Park, pegando a Bloor Street. Isso significava que estava seguindo na direção oposta à do seu apartamento.

Não havia a menor chance de fazer um retorno na Bloor Street na hora do rush, e o tráfego estava tão intenso que ele não pôde nem parar, dobrar à direita e voltar. Foi assim que viu a Srta. Mitchell encharcada e patética, andando desalentada pela rua como uma sem-teto e, tomado por uma culpa repentina, a convidara a entrar no carro, que era o orgulho e a alegria de sua vida.

– Sinto muito por estar molhando seu estofamento – disse ela, hesitante.

Os dedos do professor Emerson apertaram o volante.

– Tenho uma pessoa para limpar quando está sujo.

Julia baixou a cabeça, pois sua resposta a magoou. Implicitamente, ele a havia comparado a uma sujeira. Mas era isso que ele a considerava agora: uma sujeira na sola de seu sapato.

– Onde você mora? – perguntou ele, tentando entabular uma conversa educada e segura pelo que esperava ser um curto período juntos.

– Na Madison. É logo adiante, à direita – respondeu ela, apontando.

– Eu sei onde fica a Madison – falou ele, irritado.

Observando-o pelo canto do olho, Julia se encolheu contra a janela do carona. Virou a cabeça para olhar para fora e mordeu o lábio inferior com força.

O professor Emerson praguejou baixinho. Mesmo com os cabelos escuros emaranhados e molhados, ela era bonita: um anjo de olhos castanhos que usava jeans e tênis. Sua mente se deteve por alguns instantes naquela descrição. O termo *anjo de olhos castanhos* lhe pareceu estranhamente familiar, mas, como não conseguiu recordar a fonte dessa referência, afastou-a da cabeça.

– Que número da Madison? – Ele baixou tanto o tom de voz que Julia mal conseguiu ouvi-lo.

– Quarenta e cinco.

Ele assentiu e, instantes depois, parou o carro em frente à casa de tijolos vermelhos de três andares que havia sido dividida em apartamentos.

– Obrigada – murmurou ela, levando rapidamente a mão à maçaneta para fugir.

– Espere – ordenou ele, esticando o braço para o banco de trás a fim de pegar um grande guarda-chuva preto.

Ela esperou e ficou pasma ao ver o professor dar a volta no carro e abrir a porta do carona, esperar com o guarda-chuva aberto enquanto ela e seu farrapo ridículo saíam do Jaguar e depois escoltá-la pela calçada até os degraus de entrada do prédio.

– Obrigada – repetiu ela, tentando abrir a mochila para pegar as chaves.

O professor ficou calado, se esforçando para esconder sua repulsa diante do farrapo ridículo. Ele a observou lutar com o zíper, então viu seu rosto ficar muito vermelho e agitado por não conseguir abri-lo. Lembrou-se da expressão dela ao se ajoelhar em seu tapete persa e lhe ocorreu que o problema com o zíper talvez fosse culpa sua.

Sem dizer uma palavra, arrancou a mochila das mãos dela e empurrou o guarda-chuva fechado em sua direção. Abriu o zíper com um puxão e estendeu a mochila de volta, convidando-a a pegar as chaves.

Ela encontrou as chaves, mas estava tão nervosa que as deixou cair. Quando as apanhou, suas mãos tremiam tanto que não conseguia localizar a chave certa no molho.

Perdendo a paciência, o professor arrancou o chaveiro das mãos dela e começou a testar as chaves na fechadura. Quando por fim abriu a porta, segurou-a para que Julia entrasse antes de lhe devolver o chaveiro.

Ela pegou de volta a mochila e murmurou um terceiro agradecimento.

– Vou acompanhá-la até o seu apartamento – anunciou ele, seguindo-a pelo

corredor. – Uma vez um sem-teto me abordou na portaria do meu prédio. Todo cuidado é pouco.

Julia rezou em silêncio para os deuses das quitinetes, implorando-lhes que a ajudassem a encontrar rapidamente a chave de seu apartamento. Eles atenderam ao seu pedido. Quando estava prestes a desaparecer atrás da porta e fechá-la na cara do professor com firmeza mas sem grosseria, ela se deteve. Então, como se houvesse anos que o conhecesse, sorriu e perguntou educadamente se ele gostaria de uma xícara de chá.

Apesar de surpreso com o convite, o professor Emerson se viu dentro do apartamento dela antes mesmo de pensar se era uma boa ideia. Ao correr os olhos pelo espaço pequeno e modesto, concluiu que não, não era.

– Quer me dar seu casaco, professor? – A voz animada de Julia o distraiu.

– E onde você iria pendurá-lo? – disse ele, torcendo o nariz e notando com afetação que ela não tinha closet ou cabideiro próximo à porta.

Ela baixou cabeça.

O professor a observou morder o lábio, nervosa, e se arrependeu da grosseria na mesma hora.

– Desculpe – falou, entregando-lhe seu impermeável da Burberry do qual se orgulhava mais do que devia. – E obrigado.

Julia pendurou o casaco com cuidado num gancho atrás da porta e largou a mochila no chão de madeira.

– Entre e fique à vontade. Vou preparar o chá.

O professor Emerson andou até uma das duas únicas cadeiras que havia no apartamento e se sentou, tentando ocultar sua repulsa por respeito a ela. O lugar era menor do que seu lavabo e contava com uma cama pequena encostada na parede, uma mesa de carteadado e duas cadeiras, uma pequena estante de livros e uma cômoda. Havia também um pequeno closet e um banheiro, mas não uma cozinha.

Ele correu os olhos pelo ambiente, em busca de provas de qualquer tipo de atividade culinária, até enfim notar um micro-ondas e uma chapa elétrica precariamente equilibrados em cima de uma penteadeira. Havia uma pequena geladeira no chão ao lado.

– Tenho uma chaleira elétrica – disse Julia, alegre, como se anunciasse que tinha um diamante da Tiffany.

Ele notou a água que continuava escorrendo de seu corpo, depois as roupas ensopadas e então, porque estava frio, começou a notar o que havia debaixo das roupas... e se apressou a sugerir, com alguma rispidez, que esquecesse do chá e fosse se secar.

Julia baixou a cabeça mais uma vez e ficou vermelha antes de se enfiar no banheiro. Voltou alguns segundos depois com uma toalha roxa enrolada no corpo, sobre as roupas molhadas, e outra na mão. Ela parecia prestes a engatinhar pelo chão para secar o rastro de água que havia deixado desde a porta até o meio da sala, mas o professor se levantou e a interrompeu.

– Deixe que eu cuido disso – falou. – É melhor colocar uma roupa seca antes que pegue uma pneumonia.

– E morra – acrescentou ela, mais para si mesma do que para ele, e desapareceu em seu closet, tentando não tropeçar nas duas malas grandes.

O professor se perguntou por que ela ainda não tinha desfeito as malas, mas então achou que aquilo não tinha importância.

Franziu as sobrancelhas enquanto secava a água do chão de madeira gasto e riscado. Quando terminou, olhou para as paredes e notou que elas provavelmente já tinham sido brancas, mas agora eram de um creme sujo, cheias de bolhas e descascadas. Inspeccionou o teto e viu várias manchas grandes de umidade e o que imaginou ser o começo de mofo num dos cantos. Estremeceu diante da cena, perguntando-se por que uma garota bonita como Julia Mitchell moraria num lugar tão terrível, embora tivesse que admitir que o apartamento estava muito limpo e bem-arrumado. O que também era estranho.

– Quanto você paga de aluguel? – perguntou ele, fazendo uma pequena careta ao acomodar seus quase 1,90m de volta naquela coisa maldita que fazia as vezes de cadeira dobrável.

– Oitocentos por mês, taxas incluídas – respondeu ela antes de entrar no banheiro.

Com uma pontada de arrependimento, o professor Emerson pensou na calça Armani que havia jogado fora depois do voo de volta da Pensilvânia. Não conseguia suportar a ideia de usar algo que tivesse sido encharcado de urina, mesmo depois de lavado, então simplesmente se desfez dela. Mas o dinheiro que Paulina havia gasto naquela calça teria pagado um mês do aluguel da Srta. Mitchell. E ainda sobraria.

Olhando a pequena quitinete, ficava óbvio, de uma forma ao mesmo tempo dolorosa e patética, que ela havia tentado transformá-la num lar, apesar de todos os problemas. Pendurada ao lado da cama, havia uma grande reprodução do quadro *Dante e Beatriz*, de Henry Holiday. O professor a imaginou recostada no travesseiro, seus cabelos longos e lustrosos caindo em cascata ao redor do rosto, olhando para Dante antes de adormecer. Por uma questão de respeito, afastou esse pensamento e refletiu sobre como era estranho que os dois tivessem aquela

mesma pintura. Ele a analisou e notou, surpreso, que Julia guardava uma extraordinária semelhança com Beatriz, algo em que não tinha reparado antes. O pensamento se retorceu em sua mente como um saca-rolha, mas ele se recusou a alimentá-lo.

Notou outras imagens menores, de várias cenas italianas, nas paredes descascadas do apartamento: um desenho do Duomo de Florença, um esboço da Catedral de São Marcos, em Veneza, uma fotografia em preto e branco do domo da Basílica de São Pedro, em Roma. Viu uma fileira de vasos com ervas enfeitando o peitoril da janela ao lado de um ramo solitário de filodendro que ela parecia estar tentando cultivar. Observou que as cortinas eram bonitas – de um lilás forte que combinava com a roupa de cama e os travesseiros. E sua estante ostentava vários volumes em inglês e italiano. O professor correu os olhos pelos títulos e ficou ligeiramente impressionado com sua coleção amadorística. Mas, no geral, o apartamento era velho, minúsculo, degradado e sem cozinha, e o professor Emerson não teria permitido que seu cachorro – se tivesse um – morasse num lugar como aquele.

Julia voltou usando o que parecia uma roupa de ginástica: um moletom com capuz e uma calça de ioga. Ela havia amarrado o cabelo num coque quase no topo da cabeça, com uma presilha. Mesmo vestida de forma tão informal, o professor notou que ela era muito atraente – extremamente atraente, a ponto de parecer uma sílfide, ousou pensar.

– Tenho os chás English Breakfast e Lady Grey – disse ela por sobre o ombro, agachando-se para ligar a chaleira elétrica na tomada atrás da penteadeira.

O professor a observou se ajoelhar, da mesma forma que havia feito em seu escritório, e balançou lentamente a cabeça. Aquela garota não tinha nenhuma arrogância ou orgulho egoísta e, embora ele soubesse que isso era bom, ficava incomodado por vê-la constantemente de joelhos, mesmo sem saber explicar por quê.

– English Breakfast. Por que você mora aqui?

Ela se levantou depressa diante de seu tom de voz ríspido. Manteve-se de costas para ele enquanto pegava um bule grande e marrom e duas xícaras de porcelana surpreendentemente bonitas com pires combinando.

– Esta é uma rua silenciosa, num bairro agradável. Não tenho carro e preciso ir andando para a faculdade. – Ela fez uma pausa, pondo uma pequena colher de chá de prata em cada um dos pires. – Este foi o melhor apartamento que encontrei dentro do que eu podia pagar.

Ela pousou as xícaras de chá elegantes sobre a mesa de carteador sem olhar para ele e voltou à penteadeira.

– Por que não foi morar no alojamento da universidade, na Charles Street?

Julia deixou alguma coisa cair, mas ele não conseguiu ver o que era.

– Eu tinha esperança de ir para outra universidade, mas não deu certo. Quando decidi vir para cá, não havia mais vagas no alojamento.

– E para qual universidade você pretendia ir?

Ela mordeu o lábio inferior e começou a movê-lo de um lado para outro.

– Srta. Mitchell?

– Harvard.

O professor Emerson quase caiu da cadeira desconfortável.

– Harvard? E o que está fazendo aqui?

Julia conteve um sorriso, como se soubesse o motivo por trás da raiva dele.

– Toronto é a Harvard do norte.

– Não seja sonsa, Srta. Mitchell. Eu lhe fiz uma pergunta.

– Sim, professor. E sei que o senhor sempre espera uma resposta às suas perguntas. – Ela arqueou uma sobrancelha e ele desviou o olhar. – Meu pai não podia arcar com a contribuição que deveria fazer para a minha educação, então a bolsa que me ofereceram não foi suficiente. Além disso, o custo de vida em Cambridge é muito mais alto do que em Toronto. Já tenho um financiamento estudantil de alguns milhares de dólares para pagar à Universidade de Saint Joseph, portanto decidi não me endividar ainda mais. É por isso que estou aqui.

Ela voltou a se ajoelhar para tirar a chaleira da tomada, enquanto o professor balançava a cabeça, chocado.

– Isso não estava na ficha que a Sra. Jenkins me deu – protestou ele. – Você deveria ter contado.

Julia o ignorou e começou a pôr as folhas de chá no bule.

Ele se inclinou para a frente em sua cadeira, gesticulando alucinadamente.

– Este lugar é horrível, não tem nem uma cozinha decente. O que você come?

Ela pousou o bule e um pequeno coador de chá de prata sobre a mesa, sentou-se na outra cadeira dobrável e começou a retorcer as mãos.

– Como muitos legumes e verduras. Posso fazer sopa e cuscuz na chapa. Cuscuz é muito nutritivo. – Sua voz tremeu um pouco, mas ela se esforçou para soar animada.

– Você não pode viver dessa porcaria. Cachorros comem melhor que isso!

Julia baixou a cabeça e ficou muito vermelha. De repente se viu obrigada a piscar para conter as lágrimas.

O professor a encarou por alguns instantes, então finalmente conseguiu vê-la. Enquanto fitava a expressão torturada que estragava seus belos traços, aos pou-

cos começou a perceber que ele, o professor Gabriel O. Emerson, era um canalha egocêntrico. Ele a havia humilhado por ser pobre. Mas isso não era vergonha alguma. Ele mesmo tinha sido pobre, muito pobre. Ela era uma estudante inteligente e atraente. Não tinha do que se envergonhar. Ela não tinha para onde ir e tentara tornar sua casa confortável. Mas ele tinha ido até ali e dissera que o lugar não servia nem para um cachorro. Havia feito com que ela se sentisse imprestável e burra, quando não era nem uma coisa nem outra. O que Grace diria se pudesse ouvi-lo agora?

O professor Emerson era um babaca. Mas pelo menos agora sabia disso.

– Me perdoe – começou ele, titubeante. – Não sei o que me deu. – Ele fechou os olhos e começou a esfregá-los.

– O senhor acabou de perder sua mãe. – A voz gentil de Julia parecia surpreendentemente disposta a perdoá-lo.

De repente, algo estalou dentro dele.

– Eu não deveria estar aqui – falou, levantando-se depressa. – Preciso ir.

Julia o acompanhou até a porta. Pegou seu guarda-chuva e lhe entregou o casaco. Então ficou parada, com os olhos no chão e o rosto em chamas, esperando que ele fosse embora. Arrependeu-se de ter lhe mostrado sua casa, que estava claramente abaixo do nível dele. Poucas horas antes, havia se orgulhado da sua pequena, porém limpa, “toca de Hobbit”. Agora, sentia-se um fracasso. Isso sem contar que ser humilhada outra vez na frente dele tornava tudo muito pior.

Ele meneou a cabeça para ela, ou para algo, resmungou algumas palavras e saiu.

Julia encostou na porta fechada e finalmente se permitiu chorar.

Ouviu uma batida.

Sabia quem era. Simplesmente não queria abrir.

Por favor, deuses das tocas de Hobbit supervalorizadas e que não servem nem para um cachorro, permitam que ele me deixe em paz.

A prece silenciosa e espontânea de Julia, no entanto, não foi atendida.

As batidas se repetiram, insistentes.

Ela secou rapidamente o rosto e abriu a porta, mas apenas uma fresta.

O professor piscava para ela, como se fosse difícil entender que ela havia chorado durante os breves instantes entre ele ter saído e voltado.

Ela pigarreou e baixou os olhos para os seus sapatos Brogue italianos, que ele arrastava de leve no chão.

– Quando foi a última vez que você comeu carne?

Julia riu e balançou a cabeça. Não conseguia se lembrar.

– Bem, vai comer hoje. Estou faminto e você vai jantar comigo.

Ela se permitiu um sorriso maldoso.

– Tem certeza, professor? Achei que isto aqui – disse, imitando o gesto que ele fizera mais cedo – não fosse funcionar.

Ele corou de leve.

– Esqueça isso por enquanto. Só que... – O professor correu os olhos pelas suas roupas, detendo-se talvez um pouco mais do que devia nas curvas de seus lindos seios.

Julia olhou para baixo.

– Posso me trocar.

– Seria melhor. Vista algo apropriado.

Ela o encarou com uma expressão muito magoada.

– Posso ser pobre, mas tenho algumas coisas bonitas. Nada de indecente, se estiver preocupado que eu o envergonhe com uma roupa vulgar.

O professor corou outra vez e se repreendeu mentalmente.

– Eu quis dizer... apropriado para um restaurante em que terei que usar terno e gravata. – Ele arriscou um sorriso de desculpas.

Os olhos de Julia percorreram sua camisa de botão e seu suéter, talvez se detendo um pouco mais do que devia na superfície plana de seus belos peitorais.

– Aceito, mas com uma condição.

– Você não está exatamente em posição de discutir.

– Então tchau, professor.

– Espere. – Ele enfiou o sapato italiano caro entre o batente e a porta, mantendo-a aberta. E nem se preocupou com as marcas que isso deixaria. – Diga.

Ela entortou a cabeça para o lado e o observou em silêncio antes de falar:

– Por que, depois de tudo o que o senhor me disse, eu deveria aceitar seu convite para jantar?

Ele a encarou, inexpressivo. Então ficou muito vermelho e começou a gaguejar:

– Eu, hum... quer dizer, acho que... você poderia dizer que nós... ou você...

Julia ergueu uma sobrancelha e começou a fechar lentamente a porta contra o pé dele.

– Espere. – O professor esticou a mão para segurar a porta e aliviar um pouco a pressão sobre o seu pé direito, que já começava a doer. – Porque o que Paul escreveu é verdade: *Emerson é um babaca*. Mas pelo menos agora sei disso.

Então Julia sorriu para ele e o professor se surpreendeu sorrindo também, involuntariamente. Ela ficava muito bonita quando sorria. Ele precisaria garantir que sorrisse com mais frequência, por motivos puramente estéticos.

– Esperarei aqui.

Sem querer dar a ela uma chance de mudar de ideia, ele mesmo fechou a porta. Do lado de dentro, Julia fechou os olhos e suspirou.

CAPÍTULO CINCO

O professor Emerson passou alguns minutos andando de um lado para outro no corredor, então encostou na parede e esfregou o rosto. Não sabia como havia chegado até ali ou o que o levava a se comportar daquela maneira, mas estava prestes a se envolver numa enrascada de proporções épicas. Tinha agido de forma antiética com a Srta. Mitchell na sua sala, chegando quase a assediá-la verbalmente. Depois lhe dera uma carona em seu carro, sem acompanhante, e entrara no apartamento dela. Todos esses comportamentos eram extremamente irregulares.

Se tivesse dado uma carona à Srta. Peterson, ela provavelmente teria se abaixado e aberto seu zíper com os dentes enquanto ele dirigia. O professor estremeceu diante dessa ideia. Agora, estava prestes a levar a Srta. Mitchell para jantar. Se isso não violava as regras da universidade, não sabia o que violaria.

Ele respirou fundo, tentando clarear as ideias. A Srta. Mitchell era uma calamidade ambulante. Tinha um extraordinário histórico de infortúnios, a começar por não ter conseguido ir para Harvard, e parecia arruinar tudo o que surgia em seu caminho – inclusive a calma e serenidade dele. Embora lamentasse que ela vivesse em condições tão deploráveis, não iria arriscar sua carreira para ajudá-la. Ela estaria fazendo valer seus direitos se fosse até o chefe do departamento no dia seguinte e fizesse uma denúncia de assédio contra Emerson. Mas ele não deixaria isso acontecer.

Atravessou o corredor com dois passos largos e ergueu a mão para bater à porta. Daria alguma desculpa esfarrapada, o que seria melhor do que simplesmente desaparecer. Mas parou assim que ouviu passos do lado de dentro.

Julia Mitchell abriu a porta e parou, com os olhos baixos. Usava um vestido preto simples porém elegante com gola em V e na altura dos joelhos. Os olhos do professor acompanharam as curvas suaves de seu corpo, descendo até as pernas surpreendentemente longas e bem torneadas. E seus sapatos... ela não sabia disso, mas o professor Emerson tinha um fraco por mulheres com sapatos de salto alto. Ele engoliu em seco, admirando seus estonteantes sapatos pretos de salto agulha, obviamente de grife. O professor queria tocá-los...

Julia pigarreou baixinho, e ele ergueu com relutância os olhos dos sapatos em direção ao seu rosto. Ela o encarava com uma expressão divertida.

Ela havia prendido o cabelo no alto da cabeça, mas vários cachos escapavam do coque e caíam delicadamente em volta de seu rosto. Usava maquiagem leve, duas pinceladas cor-de-rosa nas faces, claras como porcelana. E seus cílios pareciam ainda mais negros e longos do que ele se lembrava.

A Srta. Julianne Mitchell era *atraente*.

Ela vestiu um *trench coat* azul e trancou rapidamente a porta do apartamento. O professor fez um gesto para que ela fosse na frente e a seguiu em silêncio pelo corredor. Ao chegar à rua, abriu o guarda-chuva e ficou parado, um pouco constrangido.

Julia o encarou, intrigada.

– Seria mais fácil proteger nós dois se você pegasse meu braço. – Ele lhe ofereceu o braço esquerdo, que segurava o guarda-chuva. – Se não se incomodar – acrescentou.

Julia pegou seu braço e ergueu os olhos para ele com uma expressão carinhosa.

Entraram no carro e seguiram em silêncio pela zona portuária, uma região de que Julia tinha ouvido falar, mas que ainda não conhecia. Antes de entregar as chaves para o manobrista do restaurante, o professor pediu que Julia lhe passasse a gravata que estava no porta-luvas. Ela obedeceu, sorrindo diante do fato de ele ter uma gravata de seda imaculada, ainda na caixa, dentro do carro.

Quando Julia se moveu na direção dele, o professor sentiu o cheiro de seu perfume e fechou os olhos por um instante.

– Baunilha – murmurou.

– O quê? – perguntou ela, pois não tinha ouvido direito.

– Nada.

Ele tirou o suéter e ela foi presenteada com um vislumbre de seu peito e de alguns pelos pretos por trás do colarinho aberto da camisa. O professor Emerson era *sexy*. Seu rosto era *atraente*, e Julia imaginou que o que havia debaixo daquelas roupas também fosse. Esforçou-se ao máximo para não pensar muito no assunto, para seu próprio bem.

Mas isso não impediu que ela o observasse, com uma admiração muda porém deslumbrada, dar o nó na gravata com facilidade, sem auxílio de um espelho. Infelizmente, ela ficou um pouco torta.

– Não consigo... não estou vendo – falou ele, tentando, sem sucesso, ajeitar a gravata.

– Posso? – perguntou ela com timidez, não querendo tocá-lo sem sua permissão.

– Obrigado.

Os dedos habilidosos e ágeis de Julia endireitaram e alisaram a gravata, percorrendo delicadamente a parte de cima do colarinho até a nuca, onde ela o dobrou de novo para baixo. Quando tirou a mão, respirava depressa e seu rosto estava muito vermelho.

O professor não percebeu sua reação, pois estava ocupado demais pensando na estranha familiaridade das pontas de seus dedos e se perguntando por que os dedos de Paulina nunca haviam lhe dado essa sensação. Ele pegou seu paletó do cabide pendurado atrás do banco do motorista e o vestiu sem demora. Então, com um sorriso e um aceno de cabeça, os dois saíram do carro.

O Harbour Sixty Steakhouse era um ponto de referência em Toronto, um restaurante famoso e muito caro, popular entre presidentes de empresas, políticos e diversas outras figuras de renome. O professor Emerson ia ali porque a carne deles era melhor do que qualquer outra que tivesse experimentado – e ele não tinha paciência para mediocridade. Assim, nem lhe passou pela cabeça levar a Srta. Mitchell a nenhum outro lugar.

Antonio, o maître, o recebeu calorosamente com um aperto de mãos firme e uma enxurrada de palavras em italiano.

O professor reagiu de forma igualmente calorosa, também em italiano.

– E quem é a bela jovem? – Antonio beijou as costas da mão de Julia, falando com ela, num italiano muito descritivo, sobre seus olhos, seus cabelos e sua pele.

Julia ficou vermelha e lhe agradeceu, respondendo de forma tímida, porém determinada, na língua do maître.

A Srta. Mitchell tinha uma voz linda, era verdade, mas, falando *italiano*, era celestial. Sua boca cor de rubi abrindo e fechando, a maneira delicada como ela quase cantava as palavras, sua língua despontando por entre os lábios úmidos de vez em quando... O professor Emerson ficou de queixo caído e teve que se lembrar de fechar a boca.

Antonio ficou tão surpreso e feliz com a resposta que beijou o rosto dela não só uma vez, mas duas, e se apressou a conduzi-los até os fundos do restaurante, onde lhes ofereceu sua melhor e mais romântica mesa para dois. O professor relutou antes de se sentar, percebendo o que Antonio estava fazendo. Já havia se sentado àquela mesa pouco tempo antes, mas com outra pessoa. Aquilo era um engano que ele precisava corrigir, mas, assim que pigarreou para esclarecer a situação, Antonio perguntou a Julia se ela aceitaria uma garrafa de um vinho vintage muito especial do vinhedo de sua família na Toscana.

Julia lhe agradeceu profusamente, mas explicou que talvez *Il Professore* prefe-

risse algo diferente. Ele se sentou rapidamente, sem querer parecer mal-educado, e disse que ficaria encantado em aceitar seja lá o que fosse que Antonio tivesse oferecido. O maître ficou radiante e logo se retirou.

– Como estamos em público, acho que seria melhor você não se referir a mim como professor Emerson.

Julia abriu um sorriso largo e assentiu.

– Pode me chamar apenas de Sr. Emerson.

O Sr. Emerson estava ocupado demais analisando o cardápio para ver a maneira como os olhos de Julia se arregalaram antes que ela os baixasse.

– Você tem um sotaque toscano – observou ele em tom distraído, ainda sem encará-la.

– Tenho.

– Por quê?

– Passei meu último ano de faculdade em Florença.

– Seu italiano é muito bom para quem passou apenas o último ano da faculdade fora.

– Comecei a estudar ainda no ensino médio.

Ele olhou para o outro lado da mesa pequena e íntima e notou que ela se empenhava em evitar seu olhar. Analisava o cardápio como se fosse uma prova, arrastando seu belo lábio inferior entre os dentes.

– Você é minha convidada, Srta. Mitchell.

Julia lançou os olhos como uma flecha em direção aos dele, intrigada.

– Peça o que quiser, mas, por favor, que seja carne. – Ele sentiu necessidade de acrescentar essa ressalva, pois o objetivo daquele jantar era lhe oferecer algo mais substancial do que cuscuz.

– Não sei o que escolher.

– Posso fazer os pedidos, se preferir.

Ela assentiu e fechou o cardápio, ainda movendo o lábio inferior entre os dentes.

Antonio voltou, exibindo, orgulhoso, a garrafa de Chianti com o rótulo escrito à mão. Julia sorriu. Ele abriu a garrafa e serviu um pouco em sua taça.

Quase sem fôlego, o Sr. Emerson observou Julia girar habilmente o vinho na taça, erguendo-a em seguida para examiná-lo melhor à luz das velas. Então aproximou a taça do nariz, fechou os olhos e inalou. Levou-a aos lábios cheios e provou o vinho, mantendo-o na boca por alguns instantes antes de engolir. Abriu os olhos e, com um sorriso mais largo do que nunca, agradeceu a Antonio por aquele presente precioso.

Antonio ficou radiante e cumprimentou o Sr. Emerson por ter escolhido tão bem sua companhia para o jantar, exagerando um pouco no entusiasmo. Por fim, encheu as duas taças com seu vinho favorito.

Enquanto isso, o Sr. Emerson se ajeitava debaixo da mesa, pois a visão da Srta. Mitchell provando o vinho tinha sido a coisa mais erótica que já testemunhara na vida. Ela não era apenas atraente – era linda, como um anjo ou uma musa. E não apenas linda – era sensual e hipnotizante, mas também inocente. Seus belos olhos refletiam uma profundidade de sentimento e uma pureza radiante que ele nunca havia notado.

O Sr. Emerson obrigou-se a desviar os olhos dela, ajeitando-se uma última vez. De repente sentia-se sujo e bastante envergonhado por conta da reação que ela provocava nele. Uma reação da qual precisaria dar conta mais tarde naquela noite. Quando estivesse sozinho. Cercado pelo perfume de baunilha.

Ele fez os pedidos, escolhendo as maiores porções de filé mignon do cardápio. Quando a Srta. Mitchell protestou, ele descartou sua preocupação com um gesto, acrescentando que ela poderia levar as sobras para casa. Pelos cálculos dele, aquela refeição iria alimentá-la por alguns dias.

Ele se perguntou o que ela comeria depois disso, mas se recusou a ficar pensando no problema. Aquilo só estava acontecendo porque ele havia gritado e humilhado a Srta. Mitchell, e isso não iria se repetir. Depois dessa noite, o relacionamento deles seria estritamente profissional. E ela precisaria enfrentar sozinha as calamidades futuras.

Julia, por sua vez, sentia-se feliz por estar na companhia dele. Queria poder conversar com ele, *de verdade*, perguntar sobre sua família e o funeral. Queria consolá-lo pela morte da mãe. Queria lhe contar seus segredos e ouvi-lo sussurrar os dele. Mas ele a encarava com um olhar fixo e determinado, porém um tanto distante, e ela soube que não conseguiria o que queria. Então sorriu e brincou com os talheres, esperando que ele não se irritasse com seu nervosismo e suas válvulas de escape desesperadas.

– Por que começou a estudar italiano no ensino médio?

Julia arquejou. Seus olhos se arregalaram e sua linda boca vermelha se abriu.

O Sr. Emerson franziu as sobrancelhas diante dessa reação. Era completamente exagerada. Ele não tinha lhe perguntado o tamanho do seu sutiã. Seus olhos baixaram involuntariamente para o volume dos seus seios e então voltaram a encará-la. Ele ficou vermelho à medida que um número e um tamanho de taça lhe vinham à mente, como num passe de mágica.

– Hum... Eu me interessei primeiro por literatura italiana. Dante e Beatriz. –

Ela dobrou e desdobrou o guardanapo de linho em seu colo, alguns cachos soltos pendendo para a frente em volta do seu rosto oval.

Ele pensou no quadro em seu apartamento e em sua extraordinária semelhança com Beatriz. Novamente, o pensamento se retorceu de forma provocativa em sua mente e ele o afastou.

– São interesses notáveis para uma garota tão jovem – comentou ele, permitindo-se memorizar sua beleza.

– Eu tive... um amigo que me apresentou a eles. – Ela soou angustiada e muito triste.

Ele percebeu que estava se aproximando bastante de uma velha ferida, então recuou depressa, tentando pisar num terreno mais confortável.

– Antonio ficou encantado com você.

Julia ergueu os olhos e abriu um lindo sorriso.

– Ele é muito gentil.

– A gentileza faz você desabrochar, não é? Como uma rosa.

As palavras escaparam de seus lábios antes que ele pudesse pensar no que dizia e, depois que foram pronunciadas e Julia o olhou cheia de ternura, era tarde demais para se retratar.

Foi a gota d'água. O professor Emerson passou a se concentrar exclusivamente em sua taça de vinho. Sua expressão se tornou carregada e ele começou a tratá-la com muita frieza. Julia notou a mudança, mas a aceitou e desistiu de puxar assunto.

Durante a refeição, um Antonio claramente fascinado passou mais tempo do que o necessário à mesa deles, conversando em italiano com a bela Julianne e convidando-a para um jantar com sua família no Clube Ítalo-Canadense no domingo seguinte. Ela aceitou educadamente o convite e mais tarde foi recompensada com um tiramisu, um *espresso*, uma dose de *grappa* e, por fim, um pequeno chocolate Baci, servidos sucessivamente, sem pressa alguma. O professor Emerson não recebeu nenhum desses agrados, então apenas ficou ali sentado, taciturno, observando a Srta. Mitchell se deliciar.

Ao fim da noite, Antonio já havia entregado à Srta. Mitchell algo parecido com um grande cesto de comida, sem permitir que ela recusasse. Beijou o rosto dela várias vezes depois de ajudá-la a vestir o casaco e implorou ao professor que a levasse ali de novo em breve e com frequência.

O professor Emerson endireitou os ombros e fuzilou Antonio com um olhar duro.

– Isso não vai ser possível.

Dando-lhe as costas, saiu do restaurante, obrigando Julia a segui-lo, desanimada, com seu pesado cesto de comida.

Enquanto observava o casal incompatível se afastar, Antonio se perguntou por que o professor levaria uma criatura tão encantadora a um restaurante romântico e ficaria o tempo todo com cara de sofrimento, sentado como um monge, sem falar com ela.

Quando chegaram ao apartamento de Julia, o professor Emerson fez a gentileza de abrir a porta para ela e pegar o cesto no banco de trás do Jaguar. Olhou dentro dele, curioso, tirando algumas coisas do lugar para analisar melhor o conteúdo.

– Vinho, azeite, vinagre balsâmico, *biscotti*, um jarro de molho marinara caseiro feito pela esposa de Antonio, um pouco de comida. Estará muito bem alimentada pelos próximos dias.

– Graças a você – disse Julia com um sorriso, estendendo as mãos para pegar o cesto.

– Está pesado. Deixe que eu carregue.

Ele a escoltou até a entrada do prédio e esperou que abrisse a porta. Então lhe entregou a comida.

Ela começou a examinar os próprios sapatos e sentiu seu rosto ficar quente enquanto pensava no que deveria dizer.

– Obrigada, professor Emerson, por uma noite tão agradável. Foi muita generosidade sua...

– Srta. Mitchell – interrompeu ele –, não vamos tornar isto mais constrangedor do que já é. Peço desculpas pela... indelicadeza que demonstrei antes. Eu só poderia me justificar... bem, por motivos de cunho bastante pessoal. Então vamos apenas trocar um aperto de mãos e seguir em frente.

Ele estendeu a mão e ela a pegou. O professor apertou a mão de Julia, esforçando-se ao máximo para não machucá-la e tentando ignorar completamente a eletricidade que percorreu suas veias diante da sensação da pele macia e delicada dela contra a sua.

– Boa noite, Srta. Mitchell.

– Boa noite, professor Emerson.

E, com essas palavras, ela desapareceu dentro do prédio, afastando-se do professor de forma ligeiramente mais amigável do que naquela mesma tarde.

Cerca de uma hora depois, Julia estava sentada na cama, olhando a fotografia que sempre mantinha debaixo do travesseiro. Ficou assim por muito tempo, tentando se decidir se deveria destruí-la, deixá-la no lugar de sempre ou guardá-la

numa gaveta. Adorava aquela foto. Adorava o sorriso no rosto dele. Era a fotografia mais bonita que já tinha visto, mas também era terrivelmente doloroso olhar para ela.

Ergueu os olhos para o lindo quadro pendurado sobre a cama e lutou para conter as lágrimas. Não sabia o que esperava do seu Dante, mas certamente não recebera nada parecido. Então, com a sabedoria que somente a experiência de ter seu coração partido podia lhe dar, Julia decidiu abrir mão dele de uma vez por todas.

Pensou em sua despensa improvisada agora cheia e na gentileza de Antonio. Pensou nas mensagens de voz de Paul, em como ele havia se mostrado preocupado em deixá-la sozinha com o professor e implorara que Julia telefonasse a qualquer hora para dizer se estava bem.

Ela arrastou os pés até a penteadeira, abriu a primeira gaveta e colocou a foto com reverência, mas também com determinação, bem no fundo, debaixo da lingerie sexy que nunca usara. E, com o contraste entre os três homens bem claro em sua mente, voltou para a cama, fechou os olhos e sonhou com um pomar de macieiras abandonado.

CAPÍTULO SEIS

Na sexta-feira, Julia encontrou um comunicado oficial em sua correspondência dizendo que o professor Emerson havia aceitado ser o orientador da sua dissertação. Ela estava olhando assombrada para o comunicado, se perguntando por que ele teria mudado de ideia, quando Paul surgiu atrás dela.

– Pronto?

Ela o recebeu com um sorriso e guardou o comunicado em sua mochila remendada. Eles saíram do prédio e começaram a descer a Bloor Street em direção à Starbucks mais próxima, que ficava a apenas meio quarteirão de distância.

– Quero saber do seu encontro com Emerson, mas antes preciso lhe contar uma coisa – disse Paul, sério.

Julia olhou para ele com algo parecido com ansiedade no rosto.

– Não se assuste, Coelhoinha. Não vai doer.

Ele afagou seu braço. O coração de Paul era quase tão grande quanto ele próprio, por isso ele era muito sensível à dor alheia.

– Sei o que aconteceu com seu bilhete.

Julia fechou os olhos e praguejou.

– Paul, me desculpe. Eu iria lhe contar que fiz a burrice de escrever o recado no seu bilhete, mas não tive oportunidade. Não disse a ele que a letra era sua.

Paul apertou o braço de Julia para que ela parasse.

– Sei que não. *Eu* disse.

Julia ergueu os olhos para ele, pasma.

– Por que faria uma coisa dessas?

Enquanto vasculhava as profundezas dos grandes olhos castanhos de Julia, ele teve certeza de que faria qualquer coisa para evitar que alguém a magoasse. Mesmo que o preço fosse sua carreira acadêmica. Mesmo que isso significasse arrastar Emerson para trás do Departamento de Estudos Italianos e lhe dar a surra que ele e seu traseiro pretensioso tanto mereciam.

– A Sra. Jenkins me contou que Emerson tinha chamado você e calculei que ele pretendia lhe dar uma bronca daquelas. Encontrei uma cópia do seu bilhete numa pilha de papéis que ele deixou para mim. – Paul deu de ombros. – Ossos do ofício quando se é assistente de pesquisa de um perfeito idiota.

Paul puxou Julia de leve para instigá-la a continuar andando, mas só retomou o assunto depois de lhe comprar um enorme *latte* de baunilha sem açúcar. Quando ela se sentou como uma gata numa poltrona de veludo roxa e Paul se convenceu de que estava aquecida e confortável, ele se voltou para Julia com uma expressão compreensiva.

– Sei que foi um acidente. Você ficou muito abalada depois daquela primeira aula. Eu deveria tê-la acompanhado até a sala dele. Julia, juro que nunca vi Emerson agir como naquele dia. Ele pode ser bastante arrogante às vezes, mas nunca tinha sido tão grosseiro com uma aluna antes. Foi algo doloroso de se ver.

Julia bebericou seu café e esperou que ele prosseguisse.

– Então, quando encontrei uma cópia do seu bilhete no meio das coisas que Emerson deixou para mim, não tive dúvidas de que ele lhe daria uma dura. Descobri o horário da sua reunião e marquei um encontro com ele antes. Então confessei que tinha escrito aquele bilhete. Até tentei convencê-lo de que eu tinha forjado sua assinatura de brincadeira, mas ele não engoliu.

– Você fez tudo isso por mim?

Paul sorriu e abriu casualmente seus braços grandes.

– Estava tentando ser um escudo humano. Achei que, se ele gritasse comigo, a raiva já teria passado quando chegasse a sua vez. – Ele analisou a expressão no rosto de Julia. – Mas não adiantou nada, adiantou?

Ela o olhou com gratidão.

– Ninguém nunca fez nada parecido por mim antes. Fico lhe devendo essa.

– Esqueça. Só queria que Emerson tivesse despejado toda a raiva em mim. O que ele falou para você?

Ela concentrou sua atenção no café e fingiu que não tinha ouvido a pergunta.

– Tão ruim assim, é? – Paul coçou o queixo, pensativo. – Bem, a raiva deve ter passado, porque ele foi educado com você na última aula.

Julia deu uma risadinha.

– Ah, claro. Mas não me deixou responder a uma única pergunta, nem mesmo quando levantei a mão. Estava ocupado demais deixando Christa Peterson falar tudo sozinha.

Paul observou sua indignação repentina e achou graça.

– Não se preocupe com Christa. Ela está prestes a ter sérios problemas com Emerson por causa da tese. Ele me disse que não gosta da direção que ela está tomando.

– Isso é péssimo. Ela já sabe?

Ele deu de ombros.

– Deveria ser capaz de perceber sozinha. Mas quem sabe? Está tão concentrada em seduzi-lo que tem sido negligente com o trabalho. É constrangedor.

Julia registrou tudo isso e arquivou em sua memória para pensar no assunto depois. Então se recostou na poltrona, relaxada, e aproveitou o resto da sua tarde com Paul, que era simpático, atencioso e a deixava feliz por estar em Toronto. Às cinco horas, sua barriga roncou e ela a abraçou, envergonhada.

Paul abriu um sorriso para diminuir o constrangimento de Julia. Ela era adorável em todos os sentidos, até na maneira como sua barriga roncava.

– Você gosta de comida tailandesa?

– Gosto. Costumava ir a um tailandês ótimo na Filadélfia com... – Ela se deteve antes de falar o nome dele em voz alta.

O restaurante era aonde Julia sempre ia com *ele*. Ela se perguntou se *eles* costumavam ir lá agora, se comiam na sua mesa, riam do cardápio, zombavam dela...

Paul pigarreou baixinho para atrair gentilmente sua atenção de volta.

– Desculpe. – Ela abaixou a cabeça e mexeu dentro da mochila fingindo procurar alguma coisa.

– Tem um restaurante tailandês excelente nesta rua. Fica a alguns quarteirões daqui, então precisaríamos andar um pouco. Mas a comida é ótima. Se não tiver outros planos, gostaria de levá-la para jantar.

A única coisa que transmitia seu nervosismo era o fato de ele estar batendo o pé direito lenta e sutilmente no chão, o que Julia percebeu pelo canto do olho. Ela

fitou seus olhos escuros e carinhosos e pensou por um instante em como a gentileza era muito mais valiosa que a paixão, respondendo que *sim* antes mesmo de poder cogitar dizer *não*.

Paul sorriu como se a aceitação lhe desse mais do que uma alegria secreta e pegou a mochila dela, jogando-a sem o menor esforço sobre o ombro.

– É um fardo pesado demais para você. – Ele escolheu cuidadosamente as palavras, olhando dentro dos olhos dela. – Deixe que eu carregue um pouco.

Julia sorriu para os dedos do próprio pé e o seguiu até a rua.



O professor Emerson estava voltando do trabalho para casa a pé. Era uma caminhada curta, mas, quando o tempo estava ruim ou quando tinha algum compromisso à noite, ele ia de carro.

No caminho, pensava na palestra que daria na universidade, sobre a luxúria em Dante. A luxúria era um pecado no qual ele se pegava pensando frequentemente e com muito gosto. Na verdade, a ideia da luxúria e seus inúmeros prazeres era tão irresistível que o professor Emerson se viu obrigado a fechar o sobretudo, para que a visão um tanto espetacular na frente das suas calças não chamasse atenção.

Foi então que a viu. Ele parou, olhando para a morena atraente do outro lado da rua.

Julianne, a calamidade ambulante.

Só que ela não estava sozinha. Paul andava a seu lado, carregando o farrapo ridículo que ela chamava de mochila. Eles conversavam de forma descontraída, riam e caminhavam perto demais um do outro.

Então agora estamos carregando os livros dela, hein? Que coisa mais adolescente, Paul.

O professor Emerson viu quando as mãos deles se roçaram de leve, o que resultou num pequeno porém afetuoso sorriso da Srta. Mitchell. Um rosnado grave subiu pela garganta de Emerson e seus dentes ficaram à mostra.

O que foi isso?, pensou ele.

Emerson precisou de alguns instantes para se recompor. Encostou-se na vitrine da Louis Vuitton, tentando entender que droga havia acabado de acontecer. Ele era um ser racional. Usava roupas para cobrir sua nudez, dirigia um carro, comia com garfo e faca e usava guardanapos de linho. Tinha um trabalho bem remunerado que exigia habilidade e perspicácia intelectual. Controlava seus im-

pulsos sexuais através de vários métodos civilizados e jamais possuiria uma mulher contra a vontade dela.

Ainda assim, enquanto olhava para a Srta. Mitchell e Paul, percebeu que era um animal. Algo primitivo. Selvagem. E parte dele quis ir até lá, arrancar as mãos de Paul e levar a Srta. Mitchell embora. Beijá-la até ela perder os sentidos, arrastar os lábios pelo seu pescoço e tomá-la para si.

Mas que porra é essa?

O pensamento deixou o professor apavorado. Além de ser um babaca esnobe, agora ele era um troglodita, capaz de quebrar o queixo dos outros, que acreditava ter alguma espécie de direito de propriedade sobre uma jovem que mal conhecia e que o odiava. Isso sem falar que ela era sua aluna.

Ele tinha que voltar para casa, deitar um pouco e respirar fundo até se acalmar. Então precisaria fazer outra coisa, algo mais forte, capaz de aplacar seu desejo. O professor Emerson seguiu seu caminho, afastando-se com grande sofrimento da visão dos dois jovens juntos. Sacou seu iPhone e apertou rapidamente alguns ícones na tela.

Uma mulher atendeu no terceiro toque.

– Alô?

– Oi, sou eu. Podemos nos encontrar hoje à noite?



Na quarta-feira seguinte, Julia estava saindo do departamento depois da aula de Emerson quando ouviu uma voz conhecida chamá-la.

– Julia? Julia Mitchell, é você?

Ela se virou e foi puxada para um abraço tão apertado que achou que fosse sufocar.

– Rachel – consegui dizer, enquanto tentava respirar.

A garota loura e magra soltou um gritinho alto e agudo e tornou a abraçar Julia.

– Que saudade! Nem acredito que faz tanto tempo! O que está fazendo aqui?

– Rachel, eu sinto muito. Por tudo, pela sua mãe e... por tudo.

As duas amigas se abraçaram em silêncio por um bom tempo, compartilhando a tristeza que sentiam.

– Desculpe eu não ter ido ao funeral. Como está seu pai? – perguntou Julia, limpando as lágrimas com as mãos.

– Está perdido sem ela. Como todos nós. Está de licença, tentando resolver algumas coisas. Também estou de licença, mas não consigo ficar na cidade. Por

que não me contou que estava aqui? – perguntou Rachel em tom de censura, chorando.

O olhar de Julia oscilava, inquieto, entre sua amiga e o professor Emerson, que tinha acabado de sair do edifício e a encarava boquiaberto.

– Eu não sabia se iria ficar. As primeiras duas semanas foram... hum... difíceis.

Rachel, que era muito inteligente, notou a energia estranha e um tanto hostil entre seu irmão adotivo e sua amiga, mas decidiu ignorá-la.

– Vou fazer um jantar para o Gabriel hoje à noite. Por que não se junta a nós?

Julia arregalou os olhos, como se tivesse sido invadida por um leve pânico.

Gabriel pigarreou.

– Ora, Rachel, sem dúvida a Srta. Mitchell já tem outros planos.

Julia percebeu o olhar dele, cheio de sentido, e começou a assentir em obediência.

Rachel se virou para o irmão.

– *Srta. Mitchell?* Ela era minha melhor amiga na escola e continuamos amigas até hoje. Você não sabia disso? – Rachel vasculhou os olhos do irmão e não encontrou nada, nenhuma centelha de reconhecimento. – Tinha esquecido que vocês não chegaram a se conhecer. Mesmo assim, essa formalidade toda é um exagero. Dá para relaxar um pouco?

Ela se virou novamente para Julia e viu a amiga tentando engolir a própria língua. Ou pelo menos era isso que parecia, pois ela quase ficou azul e começou a tossir.

– Acho melhor almoçarmos juntas outro dia. Tenho certeza de que o profe... o seu irmão quer você só para ele. – Julia forçou um sorriso, ciente de que Gabriel a fuzilava com o olhar por sobre a cabeça da irmã.

Rachel apertou os olhos.

– O nome dele é *Gabriel*, Julia. Qual o problema com você dois?

– Ela é minha aluna. Existem regras. – O tom de Gabriel se tornava cada vez mais frio e hostil.

– Ela é minha amiga, *Gabriel*. Que se danem as regras! – Rachel olhou do irmão para Julia e a viu baixando os olhos para os próprios sapatos, enquanto ele olhava de cara feia para as duas. – Alguém pode me dizer o que está havendo aqui?

Quando nem Julia nem Gabriel responderam, Rachel cruzou os braços e estreitou os olhos. Refletiu por alguns instantes sobre o comentário de Julia a respeito de como as primeiras semanas na universidade tinham sido difíceis e chegou a uma rápida conclusão.

– Gabriel Owen Emerson, você foi um babaca com Julia?

Julia abafou uma risada e Gabriel fechou ainda mais a cara. Apesar do silêncio,

suas reações foram mais do que suficientes para Rachel saber que suas suspeitas estavam corretas.

– Bem, não tenho tempo para esse tipo de bobagem. Vocês vão ter que trocar dois beijinhos e fazer as pazes. Só vou ficar aqui uma semana e espero passar muito tempo com os dois. – Rachel pegou um em cada braço e os arrastou em direção ao Jaguar.

Rachel Clark era bem diferente do irmão adotivo. Era assistente na assessoria de imprensa da prefeitura da Filadélfia, o que poderia soar importante, mas não era. Na verdade, passava a maior parte dos dias lendo os jornais da região de cabo a rabo em busca de qualquer menção ao prefeito ou tirando fotocópias de *press releases*. Em dias de muita sorte, permitiam que ela atualizasse o blog do prefeito. No quesito aparência, Rachel possuía traços finos e um corpo esguio, com cabelos lisos e longos, sardas e olhos acinzentados. Também era muito extrovertida, o que às vezes irritava seu irmão muito mais velho.

Gabriel manteve os lábios cerrados com força durante o trajeto até o seu apartamento, enquanto as garotas tagarelavam no banco de trás como se fossem duas colegiais, dando risadinhas e trocando reminiscências. Ele não gostava da ideia de passar uma noite com as duas, mas sua irmã estava sofrendo e ele não queria fazer nada para aumentar ainda mais a sua dor.

Logo o grupo dois terços feliz estava subindo num elevador do Manulife Building, um impressionante arranha-céu de luxo na Bloor Street. Quando saíram no último andar, Julia notou que havia apenas quatro portas no corredor.

Uau! Esses apartamentos devem ser enormes.

Assim que entrou no hall e seguiu Gabriel até a ampla área de estar central, Julia percebeu por que ele tinha se sentido tão ofendido pela sua quitinete. Seu apartamento espaçoso ostentava janelas que iam do chão ao teto, enfeitadas com dramáticas cortinas de seda azul-claras, com vista ao sul para a Torre CN e o lago Ontário. O piso era de madeira de lei escura, adornado por tapetes persas, e as paredes eram de um tom marrom-acinzentado.

A mobília da sala de estar parecia ter sido comprada numa loja de luxo e ia desde um grande sofá de couro marrom com detalhes em tachas de metal, passando por duas poltronas do mesmo modelo, até uma terceira poltrona de veludo vermelho, virada para a lareira.

Julia olhou para a linda poltrona vermelha e para a otomana que compunha o conjunto com uma inveja considerável. Seria o lugar perfeito para se sentar num dia chuvoso, tomando uma xícara de chá e lendo seu livro favorito. Não que algum dia ela fosse ter essa chance.

INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
curta a página facebook.com/editora.arqueiro
e siga @editoraarqueiro no Twitter.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter: @editoraarqueiro

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br